



REPS - Revista Even. Pedagóg.

úmero Regular: Matemática e suas interfaces com o ensino

Sinop, v. 13, n. 2 (33. ed.), p. 261-271, jun./jul. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

A FILOSOFIA PARA O PENSAR NA INFÂNCIA¹

THE PHILOSOPHY FOR THINKING IN CHILDHOOD

Kalú Maiara Benedet Barbuio

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar e compreender como as crianças percebem, internalizam, interpretam e ressignificam suas ideias, pensamentos e conhecimentos por meio de um trabalho desenvolvido a partir da Filosofia e como esta pode auxiliar e preparar para que a criança seja capaz de construir, internalizar e concretizar novos pensamentos e ideias. A pesquisa teve como base teórica Matthew Lipman. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e observação participante em uma turma do 3º ano do ensino fundamental, em uma escola da rede particular de ensino, no ano de 2019. A partir das ações de acompanhamento, evidenciamos o quão a Filosofia é importante na formação de crianças e como auxilia diretamente na maneira de agir, pensar e ser.

Palavras-chave: Filosofia. Pensar. Agir. Autonomia.

ABSTRACT²

This research aims to demonstrate how children understand, internalize, interpret, give new meaning to ideas thoughts, and knowledge through work

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A FILOSOFIA PARA O PENSAR NA INFÂNCIA**, sob a orientação do Dr. Josivaldo Constantino dos Santos, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2022/1.

² Resumo traduzido pelo professor Marcio José da Silva. Graduado em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, pela UEL: Universidade Estadual de Londrina. E-mail: londrina@live.ca.

developed through Philosophy and how Philosophy can help and prepare for them to be able to build, internalize and implement new thoughts and ideas. The research was theoretically based on Matthew Lipman (1990), the observation was carried out in the 3rd grade of an elementary class from a private school in 2019. The methodology used to carry out this work was an annotated bibliography, the data collection took place through a structured interview with the teacher in charge of the class and the classroom observation during the investigation. From the observations and monitoring of the project, we showed how Philosophy is important in the development of children, as well as directly assisting in the way children act, think, and be.

Keywords: Philosophy, thinking, acting, autonomy.

Correspondência:

Kalú Maiara Benedet Barbuio. Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: kalu.maiara@unemat.br

Recebido em: 8 de junho de 2022.

Aprovado em: 21 de junho de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6325/4653>

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia, além de possibilitar maior análise e compreensão de ideias, pensamentos e opiniões, contribui para o desenvolvimento da criança, e auxilia no desenvolvimento do raciocínio lógico. Com isso, também contribui para o entendimento dos conceitos das demais disciplinas, amplia o desenvolvimento da criticidade e melhora a postura diante de sua própria compreensão enquanto ser humano inserido em determinada sociedade.

Na infância, as crianças vão construindo seus valores a partir do seu contexto, das vivências e experiências cotidianas, num processo de desenvolvimento cognitivo. Muitas vezes esses valores são os mesmos repassados

pelos adultos, sem questionamentos e tidos como certos ou errados a partir do pensamento desses sujeitos.

Assim, muitos valores são interiorizados equivocadamente e acabam naturalizados pelas crianças como corretos e/ou positivos, sem perceberem que geralmente estão impregnados de preconceitos que em nada se relacionam aos valores que dignificam o ser humano.

A partir do ensino da Filosofia, já nos primeiros anos de escolaridade, a probabilidade de as crianças começarem a questionar valores e as ideias que têm sobre determinado fato e suas as próprias ações aumenta. Desenvolvem a capacidade do pensamento reflexivo e, portanto, refletem e analisam mais em relação ao que pensam, como pensam, por que pensam e agem de determinada forma.

As crianças começam então, a desenvolver o prazer pelo pensar refletido, o seu pensar certo, único e iniciam o processo de construção de novos valores, novas ações, novos pensares, “a filosofia implica aprender a pensar sobre uma disciplina e, ao mesmo tempo, aprender a pensar auto corretivamente sobre o nosso próprio pensar” (LIPMAN, 1990, p. 59). Essa é a contribuição da Filosofia nos anos iniciais, já que propicia o iniciar de uma caminhada reflexiva, crítica, criativa, ética e solidária. No amadurecimento do pensamento reflexivo, juntamente com leituras realizadas, a criança compreenderá como a Filosofia é percebida, estudada, analisada e dialogada.

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é apresentar uma compreensão de que maneira a Filosofia pode ser trabalhada no desenvolvimento da reflexão crítica, bem como na formação da identidade de seres historicamente construídos. Ainda, observar se, e como, a Filosofia contribui para as transformações do pensar, agir, refletir, dialogar e se posicionar diante dos fatos na visão de uma criança.

Observou-se a participação dos alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma instituição escolar da rede privada em Sinop-MT, durante encontros realizados com uma psicóloga, a qual desenvolveu dinâmicas que trabalhavam sentimentos como: alegria, nojo, medo, tristeza e raiva, baseados no filme *Divertidamente*. Também foi realizada entrevista com a professora da sala de aula bem como a análise de gestos, ações, palavras, conceitos prévios e novos

conceitos formados a partir das atividades desenvolvidas com esses alunos. Esse acompanhamento foi realizado no ano de 2019.

Este artigo tem como principal embasamento teórico Matthew Lipman, o qual será apresentado a seguir.

2 A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO PARA AS CRIANÇAS

Pode-se definir Filosofia, como o amor à sabedoria, mas acima de tudo é uma prática de desconstrução de pensamentos e de conceitos. E, a partir dessas desconstruções, possibilita a (re)construção de sentidos mais conscientes. Essas desconstruções se relacionam à análise, decomposição, tendo como objetivo a compreensão do modo como algo ou ideias são construídas (CHAUÍ, 2000).

Segundo Lipman (1990), em sua obra “A Filosofia vai a escola”, é preciso entender a Filosofia como a arte do diálogo, é o processo de busca da verdade por meio de perguntas e respostas. Pode acontecer tanto em um grupo social, que proporciona momentos de interação, no qual se é convidado para o ato de pensar, dialogar, refletir pensamentos e opiniões, identificar erros e corrigi-los; quanto no conhecer e reconhecer-se na realidade e sociedade que está inserido e que permitirá a reflexão e aceitação de erros, que dará clareza para que, futuramente, tenha condições e discernimentos para resolvê-los.

Mas qual seria o papel da Filosofia na educação? O papel da educação não pode ser apenas o de instruir, mas também na contribuição da formação humana. Nesse contexto Severino (2002, p. 187) esclarece que “É por tudo isso que não pode haver educação, verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia em todos os momentos da formação das pessoas”. Portanto, a educação deve ajudar a formar pessoas que sejam capazes de realizar a passagem do senso comum ao crítico, se compreendendo enquanto seres historicamente construídos a partir do modo de produção na qual está inserido. E que ajude cada um e cada uma a compreender a realidade, bem como as concepções presentes nessa realidade.

Ao refletir sobre o papel da Filosofia, cabe indagar: teria como a Filosofia e a educação seguirem caminhos contrários não se complementando? Não, não tem

como. Segundo Lipman (1990), a Filosofia permite compreender qual o papel da educação na sociedade a partir do fazer pedagógico. Provoca na criança, no ser em questão, a reflexão crítica, não busca formar cidadãos reprodutores de um senso comum, mas sim transformadores da sociedade, por meio da prática educacional. É a ruptura do tradicional para com o novo, para o pensar e o refletir.

E, como, de fato, trabalhar a Filosofia com as crianças? É nesse contexto que Lipman (1990) entra com o seu programa Filosofia para Crianças: Educação para o pensar, que tem por objetivo, que a escola propicie às crianças, de fato vivenciar a Filosofia, aprimorando suas dimensões críticas, criativas e éticas do seu pensar.

Trabalhar Filosofia com crianças não significa que se tornarão discípulas de algum filósofo e sim, que sejam capazes de compreender o meio no qual estão inseridas, a sua realidade, para que possam refletir elaborar de perguntas, respostas e conceitos em seu processo de transformação ao longo da aquisição de novos conhecimentos (LIPMAN, 1990).

Dito isso, a melhor maneira para que floresça esse processo de conhecimento é por meio do diálogo, com a elaboração de perguntas voltadas para a problematização da realidade e das pessoas que nesse processo, estão inclusas. É promover o desenvolvimento de habilidades que possibilitem à criança perceber e compreender o outro e os fatos que permeiam as suas experiências, saberes e conhecimentos, aprofundando, assim, a sua tomada de consciência, consolidando conhecimentos novos e objetivos. E tudo isso será alcançado em um espaço adaptado para a realização destas atividades: seria a transformação da sala de aula para que propicie e incentive a criança o pensar e dialogar. Nesse contexto, Lipman (1990) nos apresenta a Comunidade de Investigação.

Para Lipman (1990), a Comunidade de Investigação seria fazer Filosofia com as crianças por meio do diálogo, que deve ser regido pela lógica e que tenha como propósito o aperfeiçoamento de habilidades de pensamento. O que propicia a reflexão e uma tomada de consciência mais profunda.

A comunidade de investigação proporciona ao aluno que seja o sujeito em relação ao objeto e que este, por meio da curiosidade, de diálogos, debates de ideias e ideais, seja a alavanca para a busca de um novo conhecimento produzido por meio da Filosofia. Com novos diálogos, trocas de ideias, pensamentos, opiniões e indagações, a criança seria capaz de internalizar e compartilhar este novo

mais se a gente pegar essa questão de metodologia ativa, a gente vai trabalhar muito com esse refletivo, porque a sua opinião tem que ser dominante e não a do teu amigo, porque que tem que ser feito do seu jeito e não, será que você não tá errado, vamos buscar uma outra forma, “olha que legal a ideia do colega”, atitude.

Seguindo esta linha de raciocínio, voltamos para as dinâmicas com as crianças: foram realizados, ao todo, cinco encontros, e aqui, daremos maior foco ao segundo encontro, no qual foi trabalhado o sentimento de Nojo. As crianças descreveram sobre elementos que sentiam nojo. Já no trabalho com a psicóloga, utilizou-se a temática dos alimentos: trouxemos para a sala de aula uma sobremesa feita de gelatina com um aspecto mais mole e verde. Acrescentou, ainda, na composição da sobremesa, algumas balas amarelas que, literalmente, representavam larvas de mosca, para despertar proporcionalmente a ideia do nojo nas crianças. Ao se depararem com a sobremesa, muitos fizeram caretas, deram risadas e até falaram que não teriam coragem de experimentar. Algumas falas das crianças refletem essas reações:

“Nossa prof, isso é nojento!”

“Eu não como isso ai de jeito nenhum!”

“Eca, que nojo!”

Mas, como o objetivo deste trabalho era fazer com que vivenciassem tais emoções, todos foram incentivados a experimentar o doce para que realmente concluíssem a ideia preestabelecida sobre o alimento (deve-se lembrar de que as crianças não foram obrigadas a experimentar). Além dos alunos, as professoras degustaram o doce para motivar as crianças, e isso fez com que todos experimentassem, o que reforça a ideia de Lipman (1990, p. 43), “[...] é assim que as habilidades de raciocínio deviam ser desenvolvidas, pelo desempenho voluntário e não pelos exercícios compulsórios.”

Ao experimentarem, a maioria mudou de ideia sobre o sabor. Muitos relataram da seguinte maneira:

“Isso tá muito bom!”

“Nossa, não sabia que ia ser gostoso assim!”

“Não tem nada a ver com o que eu pensava, prof!”

Assim como alguns gostaram, houve outros que não gostaram da sobremesa, relatando da seguinte forma:

“Eu não gostei, prof!”

“Não é como eu achava que era, mas não gostei!”

“Eu não gostei! Alguém quer?”

E, algumas crianças chegaram a repetir o doce.

A atividade desenvolvida nos remete ao papel da Filosofia para as crianças, que é o de possibilitar um pensar melhor. O que Lipman (1990, p. 15) argumenta “que a filosofia não nos motiva a pensar, mas nos faz pensar melhor porque fortalece nossas habilidades de raciocínio, de investigação e de formação de conceitos, habilidades que já temos.”

Após esse momento de descoberta, a psicóloga conversou com as crianças explicando que nem tudo o que vemos e a forma que pensamos, realmente é como pensamos, que precisamos experimentar/descobrir se aquilo que estamos vivenciando é realmente aquele (pré) conceito que foi pensado; além de propor que, a partir desse momento, buscassem agir dessa maneira. Buscar, descobrir como realmente são as coisas, os fatos, as pessoas.

Desta maneira, conseguimos enxergar o desenvolvimento e a evolução das crianças para além da professora, no olhar de mãe, a partir da seguinte pergunta: Você, como mãe agora, percebe alguma mudança na maneira de pensar e agir em relação ao sentimento de seu filho depois do trabalho com a Filosofia?

(02) Mãe: Muito, muito, eu acho que assim, envolve uma questão da maturidade dele em si mesmo mas do trabalho da Filosofia também, porque, não porque é isso né, que o meu filho cresceu com essa possibilidade de poder perguntar então você

ve a diferença é, a esperteza não de inteligência, mas a esperteza de assim de, ai como pode dizer, de artimanha, desses detalhes sabe, tem mudança demais entendeu, eles ficam mais tipo (gesto rápido) como se tivesse uma luizinha, um estalo, então assim, pelo menos na série que eu trabalho com esse trabalho, muito porque eu acho importante essa empatia né, esse perceber o outro, não é um trabalho de uma hora pra outra, o “aluno” no começo do ano tinha problema assim, todos eles tem um ego muito aguçado, e são extremamente egocentristas, então assim, agora eu vejo por exemplo, o meu filho percebendo mais as reações dele em relação ao outro, ele tinha grande dificuldade em trabalhar em grupo, hoje ele consegue trabalhar melhor, e, porque antes ele queria que só a ideia dele fosse aceita, hoje ele consegue parar e ouvir, mesmo que ele não goste, só que é um processo, nem sempre da certo, mas, você ve que assim, ta no caminho, ta aprendendo e não só ele, as outras crianças também.

Um fato marcante que percebi durante a observação é que senti a falta da minha geração de colegas também receberem essa matéria, trabalhada de maneira mais ativa, mais participativa, mais dialogada, em que nós, as crianças, pudéssemos ter uma voz mais ativa e não simplesmente ter ficado somente com o material didático em mãos, escrevendo o que o professor nos ditava. Hoje, com uma maior formação, leitura e diálogo, percebo a fundamental importância do ensino do ato de filosofar em sala de aula. De acordo com Lipman (1990, p. 22), questionamentos, debates, dúvidas são primordiais para o desenvolvimento da criticidade, da elaboração de conceitos e do conhecer-se nas crianças.

Se no decorrer de tal diálogo em sala de aula uma insuspeita quantidade de alternativas é descoberta, o objetivo não é desnortear os estudantes levando-os ao relativismo, mas encorajá-los a empregar as ferramentas e métodos de investigação para que possam competentemente, avaliar as evidências, detectar incoerências e incompatibilidades, tirar conclusões válidas, construir hipóteses e empregar critérios até que percebam as possibilidades de objetividade com relação a valores e fatos.

Por sua vez, conforme a entrevista realizada, a professora nos afirma que é possível, sim, trabalhar a Filosofia de maneira interdisciplinar fazendo o uso das metodologias ativas (metodologias que estimulem as crianças a serem os autores de suas construções), para que a criança busque, pense, reflita e questione o porquê das coisas, dos fatos e como determinado assunto foi “trabalhado, discutido e

dialogado”. Paralelamente a essa linha de raciocínio, a criança perceberá que foi o autor, agente que contribuiu para a reflexão e conhecimento adquirido, desenvolvendo, pensamentos positivos, trabalhando assim, a sua autoestima.

Durante o Projeto Brilhantemente, as crianças desenvolveram atividades e compartilharam experiências entre o grupo, expuseram alegrias, tristezas, angústias, sentimentos que os faziam refletir e buscar soluções para lidar em tais situações. A evolução durante o processo de compreensão os enriqueceu, pois perceberam e internalizaram que o diálogo é de fundamental importância para o convívio social e o bem estar de cada um.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade de investigação aqui trabalhada com as crianças transformou-se em sentimentos, em tristeza, amor, alegria, raiva, medo e até mesmo o nojo. Foi por meio deles que as crianças puderam enfim, perceber o sentimento do outro, como se sentiam em relação a determinado assunto, como pensavam e refletiam, como agiam e principalmente, como resolveram essas questões por meio do diálogo, das experiências que relataram e vivenciaram nas atividades propostas pela professora e pela psicóloga.

Percebemos que a Filosofia contribui e muito para a construção do conhecimento, para a compreensão individual e coletiva do significado de estar no mundo, pertencer a um mundo, se compreender no mundo e buscar alternativas para uma melhor convivência. O desenvolvimento do projeto provocou na criança o despertar da curiosidade, dos questionamentos e a busca por respostas.

A Filosofia transformou a sala de aula que só transmite, para uma sala em que o sujeito (crianças) são protagonistas, investigadores.

Reforço como o ato de dialogar e filosofar sobre experiências, dúvidas, conquistas e vitórias é necessário para a sociedade. Além de participar dessa incrível experiência, pude me compreender e compreender o outro, refletir sobre muitos aspectos que permeiam a sociedade, e entender o próximo.

Foi como o desabrochar de uma flor, que germina, cresce e floresce.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. 14 ed. São Paulo: Ática, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia na formação do jovem e a ressignificação de sua experiência existencial. *In*: KOHAN, W. **Ensino de filosofia: perspectivas**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002, p. 183-194.